

O uso de fontes da literatura de viagem no ensino de História: contribuição para interpretar a história cultural brasileira

Maristela Oliveira de Andrade
DCS/PRODEMA/UFPB

“...tenho pensado no maior ensino que se obtém dos livros de viagem que dos de história, da transformação deste ramo do conhecimento em sentido de vida e de alma, de quanto mais profundos são os historiadores, artistas ou filósofos que os pragmáticos, de quanto melhor nos revelam um século suas obras de ficção que suas histórias de vanidade, dos papiros e dos ladrilhos.”¹

Foi a leitura de obras clássicas de intérpretes da cultura brasileira que revelou o recurso freqüente a literatura de viagem como uma importante fonte bibliográfica para reconstrução histórica, com destaque para a de Gilberto Freyre e a de Câmara Cascudo, sendo que este último faria um curioso catálogo, *Antologia do Folclore Brasileiro*, de obras de viajantes, cronistas e estudiosos do folclore brasileiro ao longo dos cinco séculos de existência do Brasil com registros em primeira mão de manifestações folclóricas.²

Embora tenha feito inúmeras incursões já há algum tempo no terreno fértil dos livros dos viajantes no âmbito da pesquisa, este passou a figurar também no âmbito do ensino através do uso de tais fontes no conteúdo temático de algumas disciplinas como Cultura Brasileira, Antropologia do Brasil e mesmo conteúdos ligados à história do pensamento antropológico, uma vez que a literatura de viagem é parte integrante das reflexões antropológicas na fase que precedeu a formação da antropologia como disciplina científica. Se este gênero literário teve períodos de produção intensa, declinando em outros, como no presente, é indispensável registrar alguns célebres livros de viagem até meados do século XX.

A experiência com a leitura de algumas dessas obras em atividades de ensino estendeu-se dos alunos de Ciências Sociais para outros cursos, inclusive de História, com o intuito de fazê-los perceber que muitas das idéias científicas ou do senso comum, habitualmente empregadas para apreensão da cultura brasileira são provenientes das impressões dos viajantes. Desta forma, a realização de um trabalho dedicado à experiência de ensino e pesquisa com este gênero de literatura vem sendo construído, ainda que de forma assistemática e lenta nos últimos anos, como contribuição à formação acadêmica que procura fazer convergir uma história das idéias para uma história cultural. Trata-se, portanto de uma contribuição que embora se situe fora do campo da história propriamente dita, em razão da formação antropológica da autora, se insere na recente aproximação entre a antropologia e a história.

¹ Miguel de Unamuno. *En torno al casticismo*. Madri: Alianza Editorial, 2000, p.47

² Luís da Câmara Cascudo. *Antologia do Folclore Brasileiro: Os cronistas coloniais. Os viajantes estrangeiros Séculos XVI-XVII-XVIII*, 3ª ed., São Paulo: Martins, 1º Vol. 1965.

Entre as múltiplas facetas da literatura de viagem, deve-se salientar particularmente seu caráter de texto etnográfico, apesar de reconhecer igualmente sua dimensão de texto literário, bem como de documento histórico, mas é, sobretudo, o seu sentido etnográfico que se busca captar. Enfim, é necessário destacar a importância das visões e impressões registradas nos relatos dos viajantes e sua penetração entre os intelectuais nativos e as camadas populares no quadro da sociedade brasileira, como um elemento crucial para o estudo da história das idéias ou de uma história intelectual no contexto brasileiro. Idéias formuladas pelos viajantes de forma espontânea ou sem uma reflexão mais sistemática, baseando-se em impressões e experiências pessoais, acabaram sendo assimiladas ao repertório de idéias sobre o Brasil de que todos lançam mão ao seu modo, sejam intelectuais ou segmentos populares, transformando-se em idéias do senso comum.

Desta maneira, o trabalho examina uma literatura de viagem relativa ao Brasil, bem como a outras terras, particularmente do oriente, cujos relatos permitem perceber algumas convergências, visando extrair idéias lançadas por viajantes estrangeiros que acabaram penetrando no imaginário brasileiro. O trabalho deverá reunir textos voltados para o exame de relatos de viagens e sua repercussão no meio brasileiro, de modo que através deste exercício se buscará mais uma vez refletir sobre a cultura brasileira através de suas raízes lusas.

O exame dessa literatura de viagem foi se realizando como uma espécie de oficina de leitura com a participação de alunos de diferentes disciplinas, especialmente Antropologia do Brasil do curso de Ciências Sociais e Cultura Brasileira ministrada a alunos de diversas formações, os quais foram envolvidos no projeto sendo estimulados a lerem diferentes livros de viajantes, distinguindo basicamente dois grupos: o dos viajantes do século XVI, aos quais foi agregado um texto que reúne as cartas jesuíticas da época; e o dos viajantes do século XIX. Após a leitura dos viajantes é procedida a dos intérpretes da cultura brasileira que também integram o programa do curso, para permitir as aproximações entre estes textos. Como representativos do século XVI são selecionados o de Jean de Lery; Pe. Fernão Cardim; Hans Staden e as Cartas Jesuíticas, especialmente as de Anchieta como representativos do século XVI; o outro grupo selecionado de textos relativos ao século XIX abrangeu os livros de Rugendas, Debret e Martius, os dois primeiros fartamente ilustrados por tratar-se de conceituados pintores, de modo que suas obras pictóricas são bem mais conhecidas que seus escritos, embora estes também sejam muitíssimo valiosos pela acurada capacidade de observar e comentar os costumes dos diferentes povos vivendo no Brasil.

Em outra oportunidade, em disciplina destinada a alunos do curso de História, no intuito de aprofundar as reflexões em torno das impressões e sugestões dos viajantes como relatos etnográficos que antecederam a sistematização do conhecimento antropológico sobre a diversidade cultural. Para um acesso direto a relatos de viagem que antecederam a era Moderna e voltaram-se para as terras do oriente, foi recomendada a leitura de *O livro das Maravilhas* de Marco Pólo pela influência indireta que ele exerceria sobre os viajantes da rota do Novo Mundo³. Estes relatos, especialmente os de Marco Pólo abrem caminho para o contacto com culturas tão ou mais evoluídas que as européias e com culturas em estado “selvagem”, de modo a reduzir o impacto dos viajantes de séculos mais tarde, ao se depararem com os chamados “selvagens” da América. Surpreendentemente, serão detectados diversos pontos de conexão entre os

³ Marco Pólo. *O livro das Maravilhas: a descrição do mundo*. Tradução de Elói Braga Júnior. Porto Alegre: L&PM, 1999, p.40. (Introdução e Notas de Sthéphane Yerasimos)

discursos formulados a respeito de duas partes do mundo tão longínquas, comparando-se os escritos de Marco Pólo e os de viajantes portugueses.

A difusão do mito do paraíso de viajantes medievais para os viajantes da era moderna

Com base nos relatos de viajantes medievais e do início da era moderna, especialmente Marco Pólo bem como de viajantes para a América, pretende-se detectar a presença do imaginário edênico nos primeiros contactos dos europeus com as terras do Brasil, conforme estudo anterior, *500 Anos de catolicismos & sincretismos no Brasil*.⁴ Este estudo, porém, limitou-se a considerar tão somente viajantes e missionários em viagem ao Brasil. Desta vez, buscou-se nos relatos acerca do oriente os temas religiosos que perseveraram nos relatos dos viajantes da era moderna, bem como as descrições de costumes exóticos de povos de certas regiões do oriente com semelhanças com aqueles encontrados entre os indígenas da América. Com isso, se a noção de “selvagem” ganharia evidência somente a partir da visão dos nativos da América, o impacto da visão de homens vivendo em estado de natureza, assim definido seja pela condição de nudez, seja pelas práticas canibais, já aparecem nos relatos de Marco Pólo em viagem pelo oceano Índico, onde menciona diferentes povos com tais costumes, como veremos mais tarde.

No entanto, o pesquisador francês, Stéphane Yerasimos, autor da Introdução de uma das versões do livro de Marco Pólo, observa que: “Dois séculos depois de Marco Pólo, quase não se falará mais da Árvore Seca, do Prestes João ou do Gog e Magog...”⁵ De fato, ele considera que estes temas cederam lugar para ações mais pragmáticas e eficientes por parte dos viajantes do século XV, cujos projetos mercantis permitiram a obtenção de lucros reais das decantadas maravilhas do oriente. Entretanto, podemos apontar outros temas míticos e fabulosos que continuaram a merecer a atenção de viajantes e missionários por suas referências bíblicas, constando em seus relatos as tentativas de localizar nas terras da América indícios da proximidade do paraíso terreno, bem como sinais da passagem de São Tomé, como evangelizador, não mais das terras longínquas do oriente, mas dos povos bárbaros do novo continente. Assim, as alusões ao mítico e ao maravilhoso não cessam com os sucessos financeiros dos empreendimentos da expansão marítima dos séculos XV e XVI, e na verdade continuam como estímulos cruciais para atrair um número cada vez maior de aventureiros e exploradores europeus para o Novo Mundo. Esta idéia, aliás, encontra-se bem formulada pelo mesmo autor francês já citado: “É para realizar este maravilhoso que partirão os grandes exploradores do século XV e seus sucessores.”⁶

Considere-se que no século XVI o veneziano Giovanni Batista Ramusio percorreu alguns países europeus para divulgar a viagem de Marco Pólo, que teria se notabilizado ainda mais através da obra de compilação *De navegações e de viagens* (1553) a respeito de viagens para África, Ásia e América. Este autor procurou dar um sentido lendário à viagem de Marco Pólo ao compará-lo a Ulisses e o *Livro das Maravilhas à Odisséia*.⁷ Desde Marco Pólo, as raras viagens de ocidentais cristãos para o oriente tinham uma motivação além de mercantil, de encontrar reinos cristãos isolados, a exemplo do de Preste João, lendário rei oriental cristão, cuja descrição maravilhosa do seu reino era

⁴ Maristela Oliveira de Andrade. *500 Anos de catolicismos & sincretismos no Brasil*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2002, pp.44-50.

⁵ Yerasimos in: Marco Polo, op.cit. 1999, p.40.

⁶ Ibid. P.40

⁷ Jean-Pierre Drège. *Marco Polo e a Rota da Seda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p.91.

muito difundida na Idade Média, com sugestões sobre a localização do paraíso nas suas cercanias. Vasco da Gama teria declarado que os portugueses buscavam no oriente “especiarias e cristãos”.

Convém lembrar que Colombo, em seu plano de viagem, visava alcançar Cipango e Catay (Catay Mangi terra do Grande Cã que segundo Marco Pólo situava-se ao lado da ilha de Cipango), baseando suas descrições de viagem em referências cartográficas antigas como a de Ptolomeu, ou aquelas presentes no imaginário mítico medieval. Michel Lequenne em seus comentários a respeito do *Diário de Bordo* de Colombo, informa que foi durante a estadia em Portugal que o genovês teria tomado conhecimento “de toda documentação científica, anedótica, místico-lendária sobre os segredos do mar oceano.”⁸ inclusive do livro de Marco Pólo, lido posteriormente, já na Espanha, segundo este autor. A influência desta leitura aparece de forma marcante nos relatos de Colombo, quando ao chegar à ilha de Cuba, pensou estar finalmente no tão buscado país do Catay. Na expectativa de chegar às ditas regiões, o navegador genovês tomou a precaução de se fazer acompanhar por intérpretes de línguas orientais como o árabe, o persa e o caldeu, línguas que se mostraram logo inúteis para a comunicação com os índios. Nos primeiros contatos realizados com índios de diferentes ilhas percebeu que usavam uma mesma língua, de modo que tratou de manter dois índios no navio para se comunicarem com aqueles que encontrariam nas ilhas que ainda visitariam. Apesar dessa constatação, continuava a esperança de haverem chegado ao Catay, já que Colombo orientava estes índios a informarem àqueles que seriam abordados, de que não pertenciam ao reino do Grande Cã. Além disso, levavam amostras de canela e pimenta para indagarem sobre a existência delas naquelas terras.

A busca do paraíso, a nudez adâmica dos nativos ou os vestígios da passagem de São Tomé por essas terras e, até a especulação quanto à presença em território americano das dez tribos perdidas de Israel são temas recorrentes nos relatos de viajantes e missionários na América, como bem destacaram Sérgio Buarque de Holanda e Luis Weckmann em seus respectivos estudos.

A reorientação da visão da nudez do nativo: de Adão para selvagem e canibal

Se no contexto americano a nudez dos nativos permitiu uma associação mais explícita com a nudez adâmica, aludindo com isto a proximidade ao Jardim de Éden, nos relatos de Marco Pólo esta parece ter uma conotação antes animalesca que do estado de natureza vivido pelo homem, ao associá-la tão somente ao canibalismo e à aparência monstruosa desses homens. Daí haver registrado que a ilha de Java era habitada por antropófagos, e que em suas proximidades havia um outro reino onde “a gente é completamente selvagem, sem lei, e vive como os animais”. Porém, ao referir-se à ilha de Sumatra também situada nesta zona, informa que lá teria vivido por cinco meses, por terem sido impedidos de seguir viagem, e completa: “ficamos nela, temendo o bestial povo desta terra, que gosta de comer carne de homens.”¹⁰ No percurso desta viagem referirá ainda a homens que “andam nus e não cobrem nenhuma parte do corpo”, chegando a acrescentar que em outra ilha haveria homens com cabeça e dentes de cachorro, vorazes antropófagos. As descrições relativas à longa viagem que compreendeu o percurso de volta de Marco Pólo no oceano Índico seriam provenientes dos marinheiros da época com quem manteve contato, supõe Drège e Mazzoleni.⁹

⁸ Michel Lequenne (Introdução) Cristóvão Colombo. *Diário de Bordo* s./d, p.17

⁹ Drège. op.cit., p.91; G.Mazzoleni. *O Planeta Cultural*. São Paulo: Edusp/ Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, 1992, p.29

O texto de Marco Pólo, por exemplo, está repleto de informações sobre a fauna das terras do oriente, em que salienta as espécies típicas da região, e em meio a elas menciona os seres fantásticos. Navegadores italianos do século XV como Colombo ou Girolamo da Santo Stefano que realizaram viagens para o ocidente e o oriente, respectivamente, não deixam de mencionar a respeito destes seres fantásticos. O primeiro informou que de acordo com informações dadas por índios que acompanhavam a expedição pelas Antilhas como intérpretes, havia em uma das ilhas do Caribe, “homens com um único olho e com focinho de cachorro, que comiam gente e, quando prendiam um homem lhe cortavam o pescoço, bebiam seu sangue e lhe cortavam os pedaços”; o segundo revelou a presença na ilha de Sumatra de “homens de rabo como porco e que comem carne de homens”.¹⁰ No final do século XVI ainda ecoa a mítica dos seres fantásticos em um registro contido na *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero Gândavo, a respeito de um suposto monstro marinho muito temido pelos índios, ao qual denominam *hipupiara* (demônio d'água, cujo desenho se assemelha ao peixe-boi). E complementa a informação nos seguintes termos: “E assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração.”¹¹

Fernão Mendes Pinto, A Peregrinação um relato de viagem da Renascença

A forte presença portuguesa no Oriente no século XVI não só em missões oficiais do governo com as missões religiosas a ele atreladas, como também de mercadores aventureiros de iniciativa privada, como Fernão Mendes Pinto, que notabilizou-se pela sua obra *A Peregrinação* (155?), da qual trataremos brevemente por tratar-se de um relato de viagem muito singular. Se como fonte documental para a história, esta obra não recebeu crédito, ela ganhou relevância como literatura em sua vertente novelística, devendo merecer atenção especial por seus elementos etnográficos e interpretativos sobre as culturas orientais, representando um marco diferencial na visão do “outro” e do distante. Uma leitura sob esta ótica permitirá perceber uma reorientação nos relatos de viagem medievais e os da era moderna, incluindo-se aqueles relativos ao Brasil, tornando-a surpreendente por atribuir superioridade aos orientais perante os portugueses, sob o aspecto moral e religioso, numa postura precursora da valorização do mundo oriental e de concomitante crítica dos valores e costumes europeus. Uma passagem luminosa do texto registra a opinião de um alto funcionário da ilha de Léquiós a respeito do ataque cruel de Afonso de Albuquerque na conquista da ilha de Malaca para o reino de Portugal, glorificada pelos cronistas portugueses, porém considerada execrável pelos povos dominados.¹² Esta obra superaria os limites da literatura cavalheiresca, ou propriamente de viagem uma vez que o autor foi muito além do olhar do simples turista. Com este registro oral, estaria Fernão Pinto também renunciando a perspectiva da chamada “história dos vencidos”, que em contextos de sociedades ágrafas, seria a única forma possível de apreendê-la. Como discurso de interesse antropológico, ele encontra-se entre os que em pleno século XVI inauguram a perspectiva de reação ao etnocentrismo.

Na avaliação de Antonio Saraiva, Fernão Mendes Pinto teria construído uma novelística de caráter anti-heróico comparável à de Cervantes, cujo personagem central –

¹⁰ Ibid., p.29

¹¹ Pêro de Gândavo. *Tratado da Terra & História do Brasil*. 12ªed. Recife: Massangana, 1995, p.95 (organização e apresentação de Leonardo Dantas Silva)

¹² Fernão Mendes Pinto. *A Peregrinação*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. 1988, p.xxvi.

o próprio autor – é definido de forma caricatural como “um anti-herói, irmão do Sancho Pança. Não tem sombra de orgulho, de brio, de preconceito. A noção de “honra” é-lhe inteiramente desconhecida”.¹³ Em suas numerosas agruras e peripécias vividas nesta viagem relata que foi escravo por treze vezes, mas também pirata, embaixador e até missionário jesuíta (ocupação que não menciona em sua peregrinação, da qual se tem notícia através das cartas jesuíticas) revelando a grande sagacidade do aventureiro para se sair de situações adversas, terminando por tornar-se um mercador bem sucedido, o que explica sua fácil aceitação junto à ordem jesuíta. Sua inserção à Companhia seria motivada pela forte impressão causada pela morte do seu amigo, o jesuíta Francisco Xavier, porém sua passagem na ordem foi muito efêmera, desligando-se pouco tempo depois para reassumir sua ocupação de mercador.

Viajantes estrangeiros no Brasil do séc. XVI ao XX

Um breve panorama será traçado para expor o espírito de que impregnou-se a literatura de viagem produzida por estrangeiros no Brasil entre apologéticos e detratores, houve também realistas e pessimistas. Os relatos dos viajantes estrangeiros do século XVI no Brasil como já foi salientado estavam em geral imbuídos de um espírito moderno de modo que em suas descrições do Brasil os relatos fantásticos dos viajantes medievais foram residuais e não constituíram o aspecto mais marcante dos mesmos, que se esforçavam por produzir uma visão mais próxima possível da realidade brasileira da época. Os relatos deste período especialmente os de Caminha, Jean de Lèry, Hans Stadens etc. registram aspectos exteriores da cultura indígena demonstrando uma certa convergência na percepção, especialmente quanto às descrições dos ritos canibais para os dois últimos autores.

Por ora, se tentará destacar o caráter moderno que também se acha presente nos viajantes do século XVI. Deste modo, cedo deu-se a substituição da interpretação da nudez adâmica dos indígenas pela de selvagem, que aos poucos suscitou uma reorientação na concepção de natureza pródiga para hostil, coincidindo com a formulação das teses do ‘bom’ e do ‘mau selvagem’ já nos relatos dos viajantes que se anteciparam às reflexões filosóficas sistemáticas de Montaigne, Hobbes e Rousseau. E se os nativos indígenas são a grande referência nos relatos dos viajantes dos séculos XVI e XVII, os escravos negros só aparecem nos relatos dos viajantes holandeses no período da dominação batava. Outros temas ganham relevância nesses relatos e se apresentam fartamente acompanhados de ilustrações, os quais descrevem a diversidade da fauna e flora nativas por viajantes naturalistas, que se notabilizaram especialmente os que integravam a corte holandesa que aqui se instalou, Pies e Marcgrave, embora tenha havido registros de naturalistas ibéricos integrantes das ordens religiosas que se instalaram no Brasil em época anterior, como o jesuíta José de Acosta. Com os registros dos primeiros naturalistas, se buscou um conhecimento mais sistemático do território, através do reconhecimento das vias naturais de acesso ao interior do país, ou seja, os rios, em que ganha importância estratégica o rio São Francisco como via de penetração para o Nordeste; o Amazonas para a região Norte e os da Prata e Paraná para o Sul e países vizinhos. Os percursos realizados no primeiro receberam descrições do frei Martin de Nantes, enquanto o segundo foi alvo de vários relatos de viagem notáveis como o de Orelana, Condamine, Alexandre Rodrigues entre tantos outros.

Somente no século XIX ressurgiu o interesse dos viajantes em torno da figura do negro no Brasil, como grupo étnico, sendo o naturalista von Martius que em expedição de estudos ao Brasil em meados do século XIX se propôs a realizar uma caracterização

¹³ Ibid., p.xliv

étnica dos negros trazidos para o Brasil e buscou construir uma primeira caracterização dos grupos étnicos que permitiu a confecção da primeira classificação dos africanos no Brasil a partir do critério lingüístico, o mesmo, aliás, que utilizou para produzir também uma primeira classificação de caráter sistemático dos diferentes grupos indígenas do Brasil.

De fato, os viajantes estrangeiros no Brasil do século XIX se voltam para a paisagem urbana e sua população vista num gradiente de cores, em razão do fenômeno visível da mestiçagem, visão que desagradava boa parte deles e que permitiu compor em seguida uma teoria científica da superioridade da raça branca e da pureza de raça, motivada pelas alegações dos viajantes de formação em história natural. Do ponto de vista da vida urbana é a sociedade escravocrata o grande alvo das considerações dos viajantes, e neste sentido serão amplamente apropriadas para fundamentar a interpretação de Gilberto Freyre a respeito da singularidade do modelo de escravidão no Brasil e sua interface com a mestiçagem. Por outro lado, a literatura de viagem foi também a fonte principal utilizada pelo mesmo autor em sua reconstituição do modo de vida das famílias patriarcais brasileiras e a permanência de costumes de caráter oriental introduzidos pelos portugueses, em processo de dissolução no século XIX.

Para completar esse panorama resta uma última palavra sobre os viajantes do século XX aqui representados por Lèvi-Strauss e Roger Bastide, os quais se diferenciam pelo foco principal de seus relatos, ora grupos indígenas em condição de isolamento nas florestas, ora comunidades negras, afro-brasileiras em área urbana em torno de cultos de origem ancestral africana, filiando-se desta forma cada um, a uma das vertentes preponderantes do pensamento antropológico brasileiro. *Tristes Trópicos* de Lèvi-Strauss alcançou grande notoriedade tornando-se leitura obrigatória nos programas de formação de antropólogos das universidades brasileiras, por isso seu acesso é facilitado pela realização de várias edições em língua portuguesa. Já o livro de viagem de Bastide *Imagens do Nordeste Místico em branco e preto*, publicado dez anos antes mantém-se pouco divulgado, e pouco acessível.¹⁴

Para confrontar à literatura de viagem produzida por estrangeiros, foi selecionado o livro de viagem de Gilberto Freyre ao oriente, *Aventura e Rotina*¹⁵, cujo aspecto mais surpreendente é a busca mais ou menos deliberada de afinidades e de traços familiares nas culturas visitadas, que estiveram sob o domínio colonial português, em atitude oposta à dos viajantes estrangeiros no Brasil. Sob este aspecto, pode-se dizer que a atitude de Roger Bastide se distancia da dos outros, por ter buscado reduzir ou minimizar o exotismo como característica dos cultos afro-brasileiros para torná-los menos ‘selvagens’ e mais familiares em suas descrições etnográficas, atitude que influenciou a própria atitude dos brasileiros da época, que viviam uma fase de perseguição policial a tais cultos, para uma aceitação pacífica dos mesmos. A postura de Freyre no Oriente de confraternizar com os povos de lá e de sugerir intercâmbios científicos para buscar soluções tecnológicas compartilhadas para obtenção de uma melhor adaptação às condições climáticas e ecológicas para a vida nos trópicos, terminou por confirmar sua tese da plasticidade do português ao se deixar assimilar pela cultura do outro. Orientalismos foram surpreendidos na vida cotidiana de família no Brasil colonial, ao mesmo tempo em que constatou algumas marcas profundas de sua presença discreta na Índia, no território de Goa.

Tal plasticidade se manifesta na habilidade de estabelecer uma interação com o outro, em contraste com a atitude dos anglo-saxões que contemporaneamente ainda resistem aos contatos com o outro, conforme o comentário de um brasileiro enviado recentemente em missão do governo brasileiro para o Timor Leste, que há poucos dias

¹⁴ Maristela Oliveira de Andrade. “Roger Bastide em viagem ao Nordeste”, in M. O de Andrade (org.) *Roger Bastide e o Brasil*. João Pessoa: Manufatura, 2004, pp.79-98

¹⁵ Gilberto Freyre. *Aventura e Rotina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

nos enviou suas primeiras impressões de viagem, em relatos a ele solicitados para nossa pesquisa:

“Bali tem toda a energia, modernidade e tradição, cenários de verdade e turistas!!! Enquanto Dili tem toda a baixa energia, clima pesado, desrespeito as tradições (a ONU e a UNTAET - junta de coordenação política da ONU se encarregaram de acelerar esse "processo" oferecendo gorjetas de 50 dólares e esmolas de 10 dólares às crianças), cenários destruídos (queimados e descaracterizados) e Australianos dentro de carros sem a mínima vontade de descer deles. (...) Em Dili, os australianos fazem relatórios em casa e nos ministérios, alguns, serviço social, ensinam aos jovens o Inglês para que estes não aprendam tão velozmente o português, e fazem muitos negócios. Constroem pontes, casas, escolas... Bebem pouco, compram somente em supermercados australianos, e moram somente em hotéis australianos.”

Este depoimento é revelador das permanências no padrão de atitude entre os diferentes povos e suas culturas em situação de contato, e de que os registros feitos nos diários de viagem continuam sendo de extrema importância para captar o modo de ser e de viver do outro, ainda que sob fracas condições de controle da pesquisa científica, já que a observação nestas condições flui com facilidade, favorecendo análises comparativas que afloram naturalmente no discurso. As possibilidades de extrair lições dos relatos dos viajantes tornam esta literatura uma fonte preciosa e inesgotável de informações que agregando impressões subjetivas do viajante, é capaz de traduzir a realidade com mais acuidade do que qualquer outra fonte, sendo portanto um instrumento que pode conduzir a uma interpretação do significado das culturas para compor sua história cultural.